

MANIFESTAÇÕES DO PARTICÍPIO PRESENTE NO LATIM E NO PORTUGUÊS CONTRIBUIÇÃO PARA ESTUDOS SOBRE OS ESPAÇOS DE NEUTRALIDADE NA LÍNGUA PORTUGUESA

Márcio Luiz Moitinha Ribeiro (UERJ)

marciomoitinha@hotmail.com

Katia Nascimento (UERJ)

khamafel@gmail.com.br

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo investigar as manifestações da forma nominal denominada Participípio Presente, no latim clássico e no português atual, com vistas a conhecer como essa forma vem sendo utilizada a serviço das necessidades expressivas dos falantes da língua, buscando contribuir para o debate atual acerca da questão de identidade de gênero, em nossa sociedade, que tem suscitado diferentes teses sobre a possibilidade de criação de uma língua inclusiva, não binária. A partir de 2011, com a eleição, pela primeira vez na história do país, de uma mulher para o cargo de presidente da República, acirraram-se as discussões sobre o binarismo na língua, expresso na denominação dicotômica “presidente/presidenta”, esta última forma para se referir à nova mandatária. A discussão, obviamente, não se iniciou nesse momento histórico: no governo de Juscelino Kubitschek, a lei federal nº 2.749/1956 já tentava disciplinar a questão orientando os órgãos públicos a usarem as formas femininas, nas referências oficiais a cargos ocupados por mulheres. Conquanto o fato abranja questões sociais e políticas merecedoras de uma análise mais aprofundada que este presente estudo não contempla, é óbvio que a questão linguística permeia essa discussão; afinal, o vocábulo “presidente” provém da forma nominal latina *praesidens*, *praesidentis*, em cuja significação para os Romanos está presente a ideia de ação “aquele ou aquela que preside”.

Palavras-chave:

Neutralidade. Participípio Presente. Identidade de gênero.

ABSTRACT

The present article aims to investigate the manifestations in Classic Latin and present Portuguese of nominal form denominated Present Participle's, in order to understand how it has been used to suit to language speakers' needs, and yet to contribute to the current debate about gender issues in the Portuguese language, which has raised different theses about the possibility of creating an inclusive and non-binary language. In 2011, with the election of a woman for the position of president for the first time in the country's history, debates about the language binarism have intensified around the query on the dichotomous designation “presidente/presidenta”, the latter referring to the new female president. The dispute did not begin at the actual historic moment: under Juscelino Kubitschek's government, the Federal Law No. 2.749/1956 already tried to rule this matter by determining use the feminine form when referring to positions held by women in public agencies. Although the fact encompasses social and political issues that worth further analysis, not covered in this

study, it is obvious that the linguistic question permeates these fields of debate; after all, the word “presidente” comes from the nominal Latin form *praesidens*, *praesidentis*, whose significance for the Romans embraces the notion of action “the one who presides”.

Keywords:

Neutrality. Present participle. Gender identity.

1. Introdução

A partir de 2011, com a eleição, pela primeira vez, na história do país, de uma mulher para o cargo de presidente da República, acirraram-se as discussões sobre o binarismo na língua, expresso na denominação dicotômica “presidente/presidenta”, esta última forma para se referir à nova mandatária.

A discussão, obviamente, não se iniciou nesse momento histórico: no governo de Juscelino Kubitschek, a lei federal nº 2.749/1956 já tentava disciplinar a questão orientando os órgãos públicos a usarem as formas femininas nas referências oficiais a cargos ocupados por mulheres²⁰¹.

Conquanto o fato abranja questões sociais e políticas merecedoras de uma análise mais aprofundada que este presente estudo não contempla, é óbvio que a questão linguística permeia essa discussão; afinal, o vocábulo “presidente” provém da forma nominal latina *praesidens*, *praesidentis*, em cuja significação para os Romanos está presente a ideia de ação “aquele ou aquela que preside”.

No presente estudo, partindo-se da premissa de que o gênero neutro, existente na língua latina, não se fixou, em nossa língua, como gênero marcado, indaga-se se existe(m) espaço(s) de neutralidade na

²⁰¹ Lei nº 2.749/1956: “Art. 1º Será invariavelmente observada a seguinte norma no emprego oficial de nome designativo de cargo público:

‘O gênero gramatical desse nome, em seu natural acolhimento ao sexo do funcionário a quem se refira, tem que obedecer aos tradicionais preceitos pertinentes ao assunto e consagrado, na lexeologia do idioma. Devem portanto, acompanhá-lo, neste particular, se forem genericamente variáveis, assumindo, conforme o caso, eleição masculina ou feminina, quaisquer adjetivos ou expressões pronominais sintaticamente relacionadas com o dito nome.’”.

língua portuguesa. E se existe(m), se a forma nominal Participípio Presente constituir-se-ia, em um desses espaços.

Para os fins deste estudo, compreende-se língua binária (ou binarismo) a que possui dois gêneros marcados: o masculino e o feminino. Opõe-se ao conceito de língua inclusiva (ou língua neutra ou língua não exista), a que busca “fomentar o uso de uma linguagem que não invisibilize nem discrimine nenhum setor da sociedade”²⁰², conceito extraído dos ensinamentos da filóloga espanhola Teresa Meana Suárez. Os conceitos de gênero e identidade social foram extraídos da importante obra “Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos”, da autora Jaqueline Gomes de Jesus, que expõe de maneira sóbria e didática esse tema complexo e instigante.

Para a realização deste artigo, foram utilizadas as gramáticas latinas dos autores: Pierre Grimal *et al.*; Márcio Luiz Moitinha Ribeiro; Flora Simonetti Coelho e Milton Afonso da Silva; Napoleão Mendes de Almeida; Ernesto Faria; João Ravizza; além das gramáticas de língua portuguesa de Evanildo Bechara, José Joaquim Nunes, Manuel Said Ali e Ismael de Lima Coutinho, as três últimas, gramáticas históricas. As edições pesquisadas encontram-se, nas referências, no final do trabalho.

Os exemplos utilizados foram extraídos dos textos preservados de autores representativos do período clássico, entendido como o “período que floresce a partir do segundo quartel do século I a.C., quando são compostas as grandes obras que marcaram os momentos mais importantes da prosa e da poesia latina [...]” (CARDOSO: 2010, p. 7), especialmente os textos inseridos na importante obra de José Lodeiro “Traduções dos Textos Latinos” (1968) e alguns, das gramáticas consultadas.

2. O Participípio Presente – características

Ao conceituar formas nominais, o professor Evanildo Bechara ressalta sua principal característica: “ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nome” (BECHARA: 2009, p. 224). Ou seja, o que caracteriza uma forma nominal do verbo é seu duplo valor: tem valor de verbo porque apresenta flexões típicas dessa categoria morfológica,

²⁰² Tradução livre, do original: “fomentar el uso de um lenguaje que no invisibilice ni discrimine a ningún sector de la sociedad” (In: SUÁREZ: s/ data, p. 41).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

como flexões de tempo e voz; e tem valor de nome porque se declina em casos e sofre flexão de gênero.

Em latim, o Particípio Presente, como as demais formas nominais, reúne além dessa, as seguintes características:

• **Incompletude** – O Particípio Presente provém do grupo do *Infectum*. Em consequência, ele expressa a não completude da ação. Com efeito, esta forma nominal se caracteriza por designar ação que está em curso, em continuidade, no momento da enunciação.

canis per fluuium carnem ferens

Trad.: “O cão que leva (ou levando) a carne pelo rio”

(Fedro, Fábula “O cão que leva (ou levando) a carne pelo rio”, p. 66).

• **Natureza ativa** – Ao contrário do particípio passado, passivo por natureza, o Particípio Presente tem natureza ativa, de agente; não existe na forma passiva (FARIA: 1958, p. 463).

Dum canis natans ferret carnem

Trad.: “enquanto um cão nadando levava a carne”

(Fedro, fábula “O cão que leva (ou levando) a carne pelo rio”, p. 66)

Interessante observar que mesmo os verbos depoentes (que possuem forma passiva e significação ativa) têm o Particípio Presente na forma ativa.

“Rana in palude pugnam taurorum intuens”²⁰³

Trad.: “Uma rã avistando, no charco, uma briga de touros”

(Fedro, fábula “A rã que temia a briga dos touros”, p. 82)

• **Simultaneidade de valores em sua estrutura** – Na forma nominal, as duas categorias: verbal (de tempo/aspecto e regência) e

²⁰³ O verbo *intueor*, *-eris*, *-eri*, *intuitus sum* (depoente) tem o Particípio Presente *intuens*, *intuentis*.

nominal (de flexão de número) se apresentam, simultaneamente. Assim, podemos ver, dentro da estrutura do Particípio Presente, esses dois valores ao mesmo tempo representados. Como exemplo, a forma *scribentes* (*scribo*, *-is*, *-ere*, *scripsi*, *scriptum*) apresenta tanto elementos estruturais do verbo propriamente dito [radical *scrib-* + vogal temática *-e-*] quanto os elementos estruturais do nome [sufixo *-nt* + term. de acus. pl. *-es*].

Ainda referindo-nos à lição de Evanildo Bechara: “as formas nominais do verbo, com exceção do infinitivo, não definem as pessoas do discurso e, por isso, são ainda conhecidas por formas infinitas. Possuem, quando possíveis, desinências nominais idênticas às que caracterizam a flexão dos nomes (gênero e número) [...]” (BECHARA: 2009, p. 224).

• **Concordância verbal e nominal** – O vocábulo, flexionado na forma do Particípio Presente, concorda com o substantivo a que se refere, tanto em sua função verbal, quanto em sua função nominal. Nos exemplos a seguir, o substantivo *canis* (nominativo singular) determina caso e número com que os verbos *fero* e *nato*, respectivamente, são utilizados, na forma participial. Alterando-se o caso e o número do substantivo, altera-se imediatamente a flexão do participípio:

De canibus natantibus (abl. pl.)

trad.: “sobre os cães que nadam”

cani ferenti (dat. s.)

trad.: “ao cão que leva”.

Da mesma maneira, o substantivo vai determinar o número e o gênero em que o Particípio Presente vai apresentar-se:

*Poeta canem natantem uidit*²⁰⁴.

trad.: “o poeta viu o cão (a cadela) que nadava”.

*Venena serpentis fluentia in vena*²⁰⁵.

²⁰⁴ Obs.: *Canis*, *canis* é substantivo masculino e feminino; como o Particípio Presente mantém a mesma forma para esses dois gêneros, só se distinguindo, no gênero neutro, não haverá diferença, neste caso.

²⁰⁵ O Particípio Presente *fluentia* concorda em gênero, número e caso com o substantivo, no

3. Manifestações do Participípio Presente

No latim

a) A manifestação primária da forma nominal se dá com seu **valor verbal**, de ação em continuidade.

- em orações subordinadas adverbiais:

ut insueta voce terreret feras,

fugientes ipse exciperet.

Trad.: “que com voz desconhecida (o asno) atemorizasse as feras (para que ele) próprio (o leão) (as) apanhasse enquanto fugiam”
(Fedro, fábula “O asno e o leão caçando”, p. 71).

- No ablativo absoluto:

*Cicerone loquente, Antonius in Curiam venit*²⁰⁶

Trad.: “enquanto Cícero falava (falando Cícero), Antonio veio à Cúria.”

- em orações adjetivas:

virtutis expers, verbis jactans gloriam

Trad.: “(aquele) desprovido de virtude, que gaba (sua) glória com palavras”

(Fedro, Fábula “O asno e o leão caçando”, p. 71).

nominativo neutro plural *uenena*.

²⁰⁶ Exemplo extraído em BESSELAAR: 1960, p. 27.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

b) O uso do Particípio Presente, em seu **valor nominal**, seja como adjetivo ou substantivo, consiste em manifestação secundária muito difundida e largamente utilizada, na época do latim clássico, pois na língua latina já se verificava o uso concomitante das duas funções.

- adjetiva

Em sua função adjetiva, o Particípio Presente qualifica o substantivo ou pronome, com o qual concorda em gênero, número e caso. Eis alguns exemplos de adjetivos formados do Particípio Presente de verbos latinos:

absens, -entis > absum

adolescens, -entis (ou adulescens, -entis) > adulesco

amans, -antis > amo

innocens, -entis > nocens, -entis > noceo

*Lignumque supra turba **petulans** insilit.*

Trad.: “E a turba petulante (atrevida) atira-se sobre o lenho.”

(Fedro, Fábula “*As rãs pedindo um rei*”, p. 62).

Muitos adjetivos latinos, formados com a desinência de particípio, nem sempre eram derivados de verbos, consoante nos esclarece Ernesto de Faria:

Aliás, em latim há uma série de adjetivos que são antigos participios, alguns dos quais, como por exemplo *peritus*, só se encontram como tais por se terem deixado de usar os verbos de que se derivam. (FARIA, 1958, p. 464)

Corroborando a afirmação de Ernesto Faria, o dicionário nos fornece vários exemplos de verbetes adjetivos que não provém de verbos latinos - ou porque sua origem longínqua se perdeu no tempo, ou porque houve formação como neologismo na língua. São exemplos: *prudens, prudentis; praesens, praesentis; petulans, petulantis; insolens, insolentis*, para os quais não há registro da forma verbal correspondente.

Convém ressaltar que o Particípio Presente, nesta função adjetiva, se insere, desde o latim, num espaço de neutralidade com relação às flexões de número e gênero, já que essas flexões são determinadas pelo substantivo a que ele se refere (*turba petulans / turbae petulantes*).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- substantiva

O Particípio Presente também apresenta valor de substantivo, como podemos atestar na seguinte passagem:

Si ego negem me moveri Scipionis desiderio

Sapientes *viderint quam faciam id recte; sed certe mentiar.*

Trad.: “Se eu negasse (eu) ser movido pelo desejo de Cipião (que) **Os sábios** tenham visto como (eu) faço isto retamente; mas certamente minto.”

(Cícero, *De Amicitia*, caput III, 9)

É possível afirmar, com apoio nos estudos de Elaine Dias (2014), que as funções nominais não passam de reducionismo (no caso dos adjetivos) ou de recategorização (no caso dos substantivos) do valor verbal da forma participial, conforme podemos verificar, nos exemplos seguintes:

Oriens, orientis, Particípio Presente do verbo depoente *orior*, -*iris*, -*iri*, *ortus sum*, originalmente associado a *dies, diei* ou *sol, solis*, passou a ser utilizado como substantivo “o oriente”; daí, por extensão, o próprio “sol”.

Valens, valentis, Particípio Presente do verbo *valeo*, -*es*, -*ere*, *valui, valitum* [em lat. = forte, robusto], passa a ser usado como subs. masc. pl. em *valentes, valentium* (os fortes).

Sapiens, sapientis, Particípio Presente de *sapio*, -*is*, -*ere*, -*ii*, largamente utilizado como adjetivo e substantivo.

No português atual

Das formas nominais conhecidas, em latim, apenas chegaram ao português o infinitivo, o gerúndio e o particípio. Em sua função verbal, o Particípio Presente foi paulatinamente sendo substituído pelo gerúndio, ainda no latim, até desaparecer, em nossa língua, subsistindo na atualidade quase praticamente, em sua função nominal.

Contudo, a despeito da escassez do uso na função verbal, não é incomum encontrarmos, nos dicionários pátrios, formações oriundas do

Particípio Presente latino, como o vocábulo “adulante”²⁰⁷ [> *adulans*, *adulantis*] que, em português, preservou o mesmo sentido do latim, ainda que sejam formações raramente utilizadas no falar popular (que parece preferir o sufixo *-dor*, formador de substantivos [adulador]).

Há, ainda, usos com resquícios da função verbal em expressões do tipo “sol poente”, “água fervente”.

Em nossa língua, a vitalidade do sufixo *-nte*, formador do Particípio Presente, possibilitou a criação de neologismos, conforme ressalta Elaine Dias:

O morfema *-nte* formador de adjetivo ou substantivo, indicador de agente; com ele foram criados analogamente vários adjetivos. Dessa forma, o adjetivo em *-nte* ou tem origem diretamente, no latim, fonte erudita, ou provém de construções analógicas com o morfema *-nte*, fonte popular. (DIAS, 2014, p. 21)

Por sua vez, Evanildo Bechara assinala a existência de formas participiais que passaram a ser empregadas como advérbios e preposições [recategorização], oferecendo como exemplos de uso do Particípio Presente (ou de vocábulos formados a partir do sufixo de particípio) as palavras *consoante*, *obstante* e *tirante*, as duas primeiras formadas do latim *consonans*, *consonantis*²⁰⁸ e *obstans*, *obstantis*²⁰⁹, e a última, formada, por analogia, do verbo tirar + sufixo *-nte*:

Também podem converter-se em preposição adjetivos como exceto, salvo, visto, conforme, segundo, consoante, mediante [...]. (BECHARA, 2009, p. 299)

O professor Claudio Brandão reforça essa assertiva, em sua obra, *Sintaxe clássica portuguesa*, de 1963, ao discorrer sobre os usos do Particípio Presente:

Noutros casos, certos participípios presentes, que figuravam antes em construções absolutas, sujeitos à concordância numérica, perderam o seu valor primitivo e passaram a preposições, denotadoras, em geral, da circunstância que exprimiam como participípios: salvante, tirante, mediante,

²⁰⁷ *Adulans*, *adulantis* = I. Part. pres. de *adulor*, *adulor*, *-aris*, *-ari*, *-atus sum*; II. Adj.: Afável, adulador, lisonjeador. In: FÁRIA, 1998, p. 28.

²⁰⁸ *Consonans*, *consonantis* = Part. pres. de *consono*, *-as*, *-are*, *-sonui*, *-sonitum* = produzir um som, ressoar. II. Subs. f. (subent. *littera*) consoante. In: FÁRIA, 1998, p. 135.

²⁰⁹ *Obstans*, *obstantis* = Part. Pres. de *obsto*, *-as*, *-are*, *obstiti*, *obstaturus* = ‘impedir’, ‘obstar’.

Alguns vocábulos chegaram ao português por via erudita - não há registro de seu desenvolvimento como adjetivo no latim, apenas como forma nominal do verbo (Particípio Presente):

“Docente” (= professor) [> Particípio Presente de *doceo*, -es, -ere, *docui*, *doctum*]; em latim eram usuais as formas *magister*, -tris ou *professor*, -oris);

“Lente” (acepção de ‘professor lente’) [> Particípio Presente de *lego*, -is, -ere, *legi*, *lectum* = juntar, colher; por extensão: ler].

“Absorvente” (subs., acepção de ‘faixa de material absorvente destinada a reter o fluxo menstrual’) [> *absorbens*, *absorbentis* = Particípio Presente de *absorbeo*, -es, -ere, -bui = absorver, engolir].

Outros (muitos) vocábulos tiveram formação vernácula, tais como: combatente, ajudante, agonizante, confiante, estudante, falante, bastante, berrante. Esse fato linguístico demonstra a vitalidade desse sufixo, no português, não só no registro culto formal, mas no linguajar mais informal dos falantes.

Outrossim, o vocábulo “presidente”, que serviu de pretexto para o nosso estudo, provém da forma nominal latina *praesidens*, *praesidentis*, “aquele ou aquela que preside”. Em português, perdendo a função verbal, é utilizado como substantivo. Desnecessário afirmar que o gênero desta palavra, e de outras da mesma formação (parente, gerente, dormente, afluyente), se evidencia na colocação do artigo antes do vocábulo: o presidente / a presidente. A par dessa formação, nossa língua admite ainda a forma “presidenta” como feminino.

Conforme se vê, a forma nominal Particípio Presente carrega em si a marca de neutralidade, já que o sufixo -nte forma vocábulos em que a marca de gênero está ausente; ou seja, para se verificar o gênero, há necessidade de analisar o sintagma em que essa palavra se insere. Exemplos: *comandante rigorosa* (sabemos que comandante é palavra feminina em função do adjetivo que a modifica); *o discente aplicado* (os agentes modificativos revelam o gênero masculino do substantivo “discente”); da mesma forma, nos seguintes sintagmas, nos quais os adjetivos acompanham o gênero dos substantivos: *discursos coerentes*; *lâmpadas incandescentes*.

4. Os espaços de neutralidade na língua portuguesa

Antes de quaisquer considerações, convém anotarmos a lição de Evanildo Bechara, ao considerar que “a distinção do gênero nos substantivos não tem fundamentos racionais, exceto a tradição fixada pelo uso e pela norma; nada justifica serem, em português, masculinos lápis, papel, tinteiro e femininos caneta, folha e tinta” (BECHARA, 2009, p. 112).

Câmara Jr. (2019) amplia a discussão, afirmando que, nas gramáticas tradicionais, há uma incoerência quando se trata da flexão de gênero, pois, “em virtude de uma incompreensão semântica da sua natureza, costuma ser associada ao sexo dos seres.” Além disso, constata que, na descrição do gênero, em português, não se faz “a distinção imprescindível entre flexão de gênero e certos processos lexicais ou sintáticos de indicar o sexo” (CÂMARA JR., 2019, p. 133-4).

Sem nos aprofundarmos nessa questão, cujo interessante viés nos conduziria fatalmente a outros estudos, interessa-nos observar fatos da língua a que denominamos “espaços de neutralidade”, pois não designam ou não marcam o gênero do ser. Embora a língua portuguesa não tenha recebido o gênero neutro, existente no latim, é possível detectar em nossa língua vocábulos ou expressões em que o gênero não seja marcado.

Chamamos a atenção para o fato de que o vocábulo *neutrum* (*neuter, -tra, -trum*), em latim, se origina de *ne + utrum* (*uter, utra, utrum* = outro, um entre dois, que se distingue de *alter* (*alter, altra, altrum* = outro, um entre vários); o que significa que o neutro é “nem um nem outro”; mas não é o *nullus* (*nullus, a, um = nenhum*); é a terceira via.

Nesse sentido, há bons exemplos no cancioneiro popular, em que o poeta não quer ou não pode nomear o sujeito e utiliza formas neutras, como os seguintes versos de Tim Maia, na canção “Você”:

Você é algo assim / É tudo pra mim / É como eu sonhava, baby.

Ou ainda na poesia de Paulinho da Viola, em “Quando bate uma saudade”:

*Quase sempre um coração amargurado / Pelo desprezo de
alguém*

Ou a belíssima voz de Maria Bethania, em “Sonho meu”, de autoria de Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho:

Podemos inferir que os vocábulos adjetivos e substantivos em *-nte* mantêm a neutralidade que provém da natureza da forma participial (militante, confiante). Da mesma forma que há uma tendência do falante da língua portuguesa em manter uma neutralidade com relação ao gênero dos vocábulos, principalmente adjetivos, com terminação *-e* (grande, triste).

Sem a pretensão de esgotar o tema, é possível, ainda, verificarmos em nossa língua outros “espaços de neutralidade”, como por exemplo:

- pronomes demonstrativos (isto, aquilo): isto é um gato; isto é uma gata.

- pronomes indefinidos (nada, ninguém, qualquer): quaisquer pessoas, qualquer lugar.

- o infinitivo (impessoal) dos verbos (amar, viver).

- os substantivos denominados “sobrecomuns”, pois se referem tanto a pessoas do sexo masculino quanto feminino: a testemunha, a vítima, a criança (fem.), ou o cônjuge, o algoz, o ídolo (masc.).

- os substantivos denominados “comuns de dois gêneros”, que podem se referir tanto a pessoa do sexo masculino quanto do feminino, bastando para isso trocar o determinante (artigo ou adjetivo): o/a dentista, o/a imigrante, o/a indígena.

Convém anotar que o “plural misto” não expressa exatamente neutralidade com relação às pessoas linguísticas, como a princípio pode parecer, já que se refere a personagens somente masculinas ou masculinas e femininas; porém, nunca se refere a personagens somente femininas. Exemplo: eles saíram [= ele(s) + ela(s) ou ele(s) + ele(s) saíram]; todos assistiram à votação (= todos os homens, ou ainda, todos os homens e mulheres assistiram à votação).

5. As questões de gênero na sociedade

Sob o ponto de vista social, para a caracterização de gênero é necessária a distinção entre sexo biológico e identidade de gênero. Para tanto, seguiremos aqui a exposição feita por Jaqueline Gomes de Jesus, em seu Guia técnico “Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos” (2012), no qual a autora expõe de maneira sóbria e didática os

conceitos de gênero e identidade social, já que se trata de tema complexo e instigante.

O sexo biológico diz respeito à conformação genital (ou cromossomos) que se desenvolve no nascimento do indivíduo, e pode ser masculino, feminino ou hermafrodita.

O gênero diz respeito à orientação sexual desse indivíduo ou a quem ele dirige sua atração afetivossexual – nesse contexto há um espectro que vai da assexualidade à sexualidade, compreendendo nesse espectro heterossexualidade, homossexualidade, pansexualidade, bissexualidade.

Além disso, no contexto social, apresenta-se a identidade sexual ou identidade de gênero, isto é, a auto-referência que cada um tem da sua sexualidade, num espectro que vai de cisgêneros (os que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído) a transgêneros (os que não se identificam com o gênero que lhes foi atribuído); desses últimos fazem parte travestis²¹⁰, transexuais, transgêneros propriamente ditos, as pessoas *queer*²¹¹, *crossdressers*, *dragqueens*, *dragkings*²¹² etc.). Essa classificação demonstra a diversidade de formas de viver o gênero.

Segundo a autora, “o que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto-percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente”.

A amplificação da noção de gênero, o reconhecimento da diversidade sexual e a busca de visibilidade e de afirmação social, assim como a luta contra o preconceito e a marginalização ou exclusão dessa população estigmatizada, tanto nos movimentos femininos quanto nos movimentos LGBTQ+, reforçam a ideia de que a sociedade em que vivemos dissemina a crença de que os órgãos genitais definem se uma pessoa é homem ou

²¹⁰ Travesti: Pessoa que vivencia papéis de gênero feminino, mas não se reconhece como homem ou mulher, entendendo-se como integrante de um terceiro gênero ou de um não-gênero (Jesus, 2012, p. 27).

²¹¹ *Queer*: pessoa que não se enquadra em nenhuma identidade ou expressão de gênero (termo não consensual) (Jesus, *idem*, p. 28).

²¹² *Crossdresser*: pessoa que frequentemente se veste, usa acessórios e/ou se maquia diferentemente do que é socialmente estabelecido para o seu gênero, sem se identificar como travesti ou transexual I (Jesus, *idem*, p. 26); *dragqueen* e *drag king*: artista (mulher ou homem) transformista. Essas categorias, ao contrário da crença social, não são necessariamente homossexuais (Jesus, *idem*, p. 14).

mulher. Porém, a construção da nossa identificação como homens ou como mulheres não é um fato biológico, é social (JESUS, 2012, p. 8).

Com base nessas convicções, esses movimentos sociais buscam uma alternativa linguística que represente todas as pessoas para além do masculino e feminino, haja vista que, segundo esses grupos, a linguagem, como construção (convenção) social, expressa e reforça a discriminação sexual (homofobia, transfobia, discriminação da mulher), a exemplo de formações como as do **plural misto**, nas quais a forma masculina engloba os dois gêneros, mas não há uma forma feminina que inclua os dois gêneros da mesma maneira. Exemplos: *eles saíram* [= ele(s) + ela(s) ou ele(s) + ele(s) saíram] / *elas saíram*; [corresponde apenas ao feminino]; *todos assistiram à votação* (= todos os homens, ou ainda, os homens e as mulheres assistiram à votação) / *todas assistiram à votação*. [corresponde apenas ao feminino].

Daí o surgimento de diferentes teses sobre a possibilidade de criação de uma língua inclusiva, não binária, isto é, que não se “acorrente” aos 2 gêneros – masculino e feminino – tradicionalmente instituídos na língua portuguesa, e principalmente, que não expresse qualquer forma de discriminação.

A respeito da dimensão política da linguagem humana, vêm a propósito as considerações do mestre Bechara:

Geralmente se ouve que a língua é imposta ao homem, porque este é obrigado a dizer que determinado objeto conhecido por sua comunidade como livro é livro, e não lápis ou mesa. Tal fato não constitui uma limitação ou negação da liberdade do falante; é sim a dimensão histórica da linguagem, que coincide com a própria historicidade do homem. [...] A língua não é “imposta” ao homem; este “dispõe” dela para manifestar sua liberdade intrínseca. (BECHARA, 2009, p. 29)

É, portanto, em nome dessa liberdade que o falante tem, ao dispor de um sistema riquíssimo como a língua portuguesa, que os debates trazem à tona diferentes propostas com o fito de tornar as relações humanas menos desiguais e mais acolhedoras, do ponto de vista linguístico, tais como as seguintes sugestões, dispostas no *site* <https://felicriadg.com/2016/01/30/guia-para-a-linguagem-oral-nao-binaria-ou-neutra/>:

- do símbolo @ no lugar das terminações *-a* e *-o* dos substantivos, pronomes e adjetivos referentes a pessoas: *menin@s*, *tod@s*, *bonit@s*;

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- da letra *e* como sufixo de formação de palavras, neutro: *menines, todes, bonite*;

- da consoante *x* como sufixo de formação de palavras, neutro: *meninxs, todxs, bonitx*;

- da forma *le(s)*, como artigo definido, possivelmente por analogia à língua francesa (artigos *le, la, les*), no lugar dos artigos definidos o(s) / a(s): *Le menine / les menines*.

Cabe mencionar que essas propostas têm sido objeto de análises críticas por parte de estudiosos e da sociedade em geral; nosso escopo é apenas exibí-las como exemplificação do que foi exposto. E, enquanto os debates a respeito de língua binária ou não binária prosseguem, vale a pena voltar às lições do eminente professor Evanildo Bechara que, na vanguarda das discussões, pondera:

Esqueceram-se os críticos de que uma língua viva não está feita, isto é, que não só estrutura seus atos por modelos precedentes, mas faz-se e refaz-se constantemente, encerra formas feitas e tem potencialidade para criar formas novas, e está sempre a serviço das necessidades expressivas de qualquer falante. É nisto que consiste a dimensão criatividade já aludida aqui anteriormente.” (BECHARA: 2009, p. 43)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática latina*. São Paulo: Saraiva, 2005.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BESSELAAR, José Van Den. *Propylaeum latinum*. Vol. I. Sintaxe latina superior. São Paulo: Ed. Herder, 1960. Disponível em: <<http://letrasclassicas.com.br/wp-content/uploads/2014/10/BESSELAAR-participio.pdf>>, acesso em julho de 2019.

BOTELHO, José Mario. *Pequeno dicionário de latim-português*. 3. ed. Rio de Janeiro: Botelho, 2014.

BRANDÃO, Claudio. *Sintaxe clássica portuguesa*. Belo Horizonte: 1963.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Matoso. *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Edição crítica de PAGOTTO, Emílio Gozze; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; ALMEIDA, Manoel Mourivaldo Santiago, Petrópolis-RJ: Vozes, 2019.

CARDOSO, Zelia de Almeida. *Iniciação ao latim*. Rio de Janeiro: Ática, 2010.

CART, A.; GRIMAL, P; LAMAISSON, J.; NOIVILLE, R. *Gramática latina*. Trad. e adaptação de Maria Evangelina Villa Nova Soeiro. São Paulo: T.A. Queiroz: USP, 1986.

COELHO, Flora Simonetti; SILVA, Milton Affonso da. *Gramática latina*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 1999.

DIAS, Elaine Ferreira. *A evolução do Particípio Presente em português*. Belo Horizonte: PUC-MG, 2014. Disponível em: < http://www1.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20170623171665.pdf>, acesso em julho de 2019.

ELIA, Silvio. *Preparação à linguística românica*. São Paulo: Ao livro Técnico, 1979.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. 6. ed., Rio de Janeiro: FAE, 1988.

_____. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília, 2012. Disponível em <http://www.diversidadeseexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONEITOS-E-TERMOS.pdf>> Acesso em 4-5-2019.

LODEIRO, José. *Traduções dos textos latinos*. 6. ed. Porto Alegre: Globo, 1968.

NÓBREGA, Vandick L. da. *A presença do latim*. Rio de Janeiro: INEP/MEC, 1962.

OLIVEIRA, Thiago S. A queda do gênero neutro do latim: questões sobre a divergência entre o gênero real e o gênero gramatical. In: *Revista Philologus*, Ano 21, n. 63. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2015. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/rph/ANO21/63/002.pdf>> Acesso em julho 2019.

PITA, Luís Fernando. *Linguae Latinae prima studia*. Rio de Janeiro: UERJ,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

2015, Mimeo.

RAVIZZA, João. *Gramática latina*. 9. ed. Escolas profissionais salesianas, Niterói-RJ: 1940.

RIBEIRO, Marcio Luiz Moitinha. *Gramática latina*. V. I, 2. ed. São Gonçalo: Marcio Moitinha ed., 2017.

RÓNAI, Paulo. *Curso básico de latim*, I: Gradus primus. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAID ALI, Manuel. *Gramática Histórica da língua portuguesa*. São Paulo: ed. Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1931, 2. ed. Disponível em: <https://archive.org/details/M.saidAli.grammaticaHistoricaDaLinguaPortuguesa/page/n7>.> Acesso em 4-5-2019.

SUÁREZ, Teresa Meana. Porque las palabras no se las lleva el viento – Por un uso no sexista de la lengua. Disponível em: http://xenero.webs.uvigo.es/profesorado/teresa_meana/sexismo_lenguaje.pdf> Acesso em 10-4-2019.

TANNUS, Carlos A. Kalil (Org.). *O latim e suas estruturas*. 2. impr., Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 1988.